

# "Onde está a liderança" no ambiente?

O presidente e CEO do grupo CESL Ásia acredita que os problemas ambientais atuais do território são "maiores e mais complexos" que os de "há 10 ou 20 anos" e que para resolvê-los é necessária "liderança". António Trindade sublinha que a falta de investimento na área da sustentabilidade é um lado "nefasto" das economias sustentadas apenas por uma indústria, já que "os melhores recursos são, naturalmente, levados" para esse sector

■ Inês Almeida

Macau "não está a gerar liderança e interesse suficiente nas oportunidades que o seu desenvolvimento económico e social" está a oferecer, entende o presidente e CEO do grupo CESL Ásia acrescentando que "enquanto houver problemas nos transportes, o maior desafio é encontrar as entidades públicas ou privadas que sintam interesse e tenham compensação reconhecida para se dedicar a encontrar uma solução".

"Falta de dinheiro não é, porque Macau é um dos sítios mais ricos do mundo, falta de oportunidade também não porque existem os problemas que são reconhecidos por toda a gente. Onde está a liderança? O que é que se passa?", defendeu em declarações ao jornal TRIBUNA DE MACAU, no palco do Fórum Internacional de Cooperação Ambiental de Macau, evento que arranca hoje e no qual a CESL Ásia volta a marcar presença.

Outra barreira a uma maior intervenção pela protecção ambiental advém da "grande riqueza e de não haver distribuição de recursos por todas as áreas", um lado "nefasto" das economias sustentadas numa indústria única. "O grosso ou os melhores recursos são, naturalmente, levados para aquela indústria. As restantes não são esquecidas mas ficam para o acaso e para a oportunidade".

No entanto, esta aborda-

gem também pode ter consequências para o sector do jogo, alerta António Trindade. "Isto tem como consequência afectar a própria indústria principal porque retira capacidades e até põe em risco. É fácil de perceber: se houver um problema de sanidade como uma ruptura de esgotos, o que acontece é que os turistas se vão embora, portanto, a indústria principal é a primeira a sofrer, e bastante".

No cômputo geral, o presidente da CESL Ásia acredita que os problemas ambientais de hoje são "maiores e mais complexos" que os de há uma ou duas décadas "porque Macau enriqueceu, aumentou o uso dos recursos que tem e a importação dos que não tem".

Além disso, é preciso compreender que "o ambiente não é só resíduos, reciclagem ou capacidade de tratar os esgotos". "Ambiente é a capacidade produzir melhor, de servir melhor os visitantes com menos resíduos", sublinha, notando que isso implica uma actualização de processos que é o que causa maiores preocupações "porque não se vêem líderes a zelar pela eficiência energética ou dos transportes com soluções". "Dizer que está mal, que há muitos autocarros, não resolve o problema, apenas mantém a raiz do assunto", destacou.

"Os sistemas públicos ambientais, como o Central de Incineração ou a ETAR, são geridos exactamente pelas mesmas pessoas e com os mesmos problemas de há 10 ou 20 anos. Há falta de liderança, vanta-



António Trindade com Vasco Pimenta, da "Spin.Works"

“ Os sistemas públicos ambientais, como o Central de Incineração ou a ETAR, são geridos exactamente pelas mesmas pessoas e com os mesmos problemas de há 10 ou 20 anos. Há falta de liderança, vontade de mudar e de ver o óbvio, porque os problemas são reconhecidos ”

António Trindade

de e mudar e de ver o óbvio, porque os problemas são reconhecidos", aponta António Trindade.

Outra questão a ter em conta envolve o tempo necessário para as mudanças. "Às vezes, há notícias a dizer que a Central de Incineração está a atingir a capacidade. Enquanto a CESL Ásia a geriu, nunca se pensou que estava em causa a capacidade de tratamento de resíduos porque em 1998 estávamos já a propor ao Governo

soluções para 2020".

"Normalmente são precisos sete ou 10 anos para reconverter [a Central de Incineração], porque os problemas não se resolvem só a acrescentar capacidade ou a transferir os resíduos para a China", salienta o presidente da CESL Ásia.

António Trindade defende que, assim, "não há solução" para os problemas ambientais. "Não vale a pena o Governo dizer que vai arranjar uma solução com Cantão ou com as Províncias vizinhas. Não é possível arranjar solução sem sermos nós próprios a fazê-lo".

Há um compromisso público e tem de haver".

Esse empenho tem de surgir da população local e não de quem vem de fora. "É como quando vamos a casa de outra pessoa: podemos ter boas maneiras, mas não é a nossa casa, não é ali que vivemos, e depois do jantar ou do almoço, não somos nós que vamos ter de lavar os copos ou pratos e que asseguramos que eles podem ser usados amanhã, por nós ou pelos nossos visitantes", exemplificou.

Nesse campo, António Trindade ainda alimenta alguma esperança pois nos últimos anos desenvolveram-se capacidades e há "uma quantidade enorme de gente a sair das universidades com boa formação, vontade criativa e capacidade de trabalho".

Ao mesmo tempo, "Macau ainda tem a reputação de ser um centro de disseminação de conhecimento e da aplicação do conhecimento sobre o que há-de melhor no mundo na área ambiental". "Isto quer dizer que, inevitavelmente, se vão manter as oportunidades porque a experiência está cá. Provavelmente é mal dirigida e aproveitada, mas está cá", sublinhou o presidente e CEO da CESL Ásia.

## Agricultura inteligente

O stand da CESL Ásia no Fórum Internacional de Cooperação Ambiental de Macau (MIECF) vai incluir tecnologias que derivaram de uma parceria com a "Spin.Works", empresa portuguesa que começou por se dedicar à tecnologia espacial mas tem expandido a sua actividade. "Há claramente uma complementaridade. Temos mercados diferentes, a CESL Ásia é um reconhecido utente e aplicador de tecnologias para encontrar soluções para a melhoria da vida das pessoas e a "Spin.Works" é uma empresa de tecnologia espacial, que pega nesses equipamentos e os aplica ao dia-a-dia", explicou António Trindade. Explicando que além do "background" na área espacial, a empresa começou a desenvolver ferramentas no domínio da "agricultura de precisão", Vasco Pimenta, CEO da "Spin.Works", acredita que a empresa já possui tecnologias "muito interessantes" para um conjunto de mercados e estabeleceu esta parceria porque encara-a como "um ponto de entrada óptimo para explorar o mercado chinês". No MIECF apresentará um sistema de "drones" que permite tirar fotografias a partir do ar, conseguindo combinar esses dados "para obter informação sobretudo acerca de colheitas". "Isso permite ter informação muito detalhada, com medição ao nível das plantas individuais e, assim, um produtor pode ter informação muito detalhada para agir, melhorar a gestão da água, a necessidade de aplicação de pesticidas ou de fertilizantes e fazer uma gestão das colheitas de forma mais eficiente". Assim, é possível "aumentar a produtividade e diminuir os custos de produção", frisou.